

Universidades Lusíada

Buinhas, Marco

Viddi well little alex, viddi well...

<http://hdl.handle.net/11067/4970>

Metadados

Data de Publicação

2002

Resumo

Não será despropositado recordarmos A Clockwork Orange (1971), de Stanley Kubrick, obra seminal, metafórica e, sobretudo, antecipativa de sociedades e culturas ocidentais contemporâneas. Não menos despropositado será lembrarmos o processo, fulcral ao filme, do incessante bombardeio imagético a que Alex, o personagem protagonista, se sujeita, de olhos escancarados e forçadamente abertos, durante uma particular 'terapia' de reinserção social. De facto, se pensarmos bem, a terapêutica a que o pers...

Tipo

bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2023-05-05T12:18:19Z com informação proveniente do Repositório



VIDDI WELL LITTLE ALEX, VIDDY WELL ... MARCO BUINHAS

Não será despropositado recordarmos *A Clockwork Orange* (1971), de Stanley Kubrick, obra seminal, metafórica e, sobretudo, antecipativa de sociedades e culturas ocidentais contemporâneas.

Não menos despropositado será lembrarmos o processo, fulcral ao filme, do incessante bombardeio imagético a que Alex, o personagem protagonista, se sujeita, de olhos escancarados e forçadamente abertos, durante uma particular 'terapia' de re-inserção social.

De facto, se pensarmos bem, a terapêutica a que o personagem é sujeitado no filme, com olhar involuntário, é por nós recebida hoje em dia, quotidianamente, com voluntário olhar.

Numa cultura actual, que celebra na visão o primeiro dos sentidos, o olho deixou de oferecer a capacidade de ver para se constituir na impossibilidade de não ver.

Olhamos, simplesmente, retendo do mundo uma colecção de imagens que ordenamos mentalmente por vezes, e perversamente, sem atentarmos a conteúdos.

A dialética entre imagens e conteúdos compromete-se face à comodidade de apreensão de estímulos retinianos e imediatos.

Os *media* cedo se aperceberam do facto.

Se novas tecnologias e, consequentemente, meios de comunicação revelam campo aberto à divulgação de conhecimento e informação, primam também em vulgarizá-lo em nome da rapidez exigida por consumos imediatos e mecânicos de imagens.

A arquitectura e os seus lugares não são poupados.

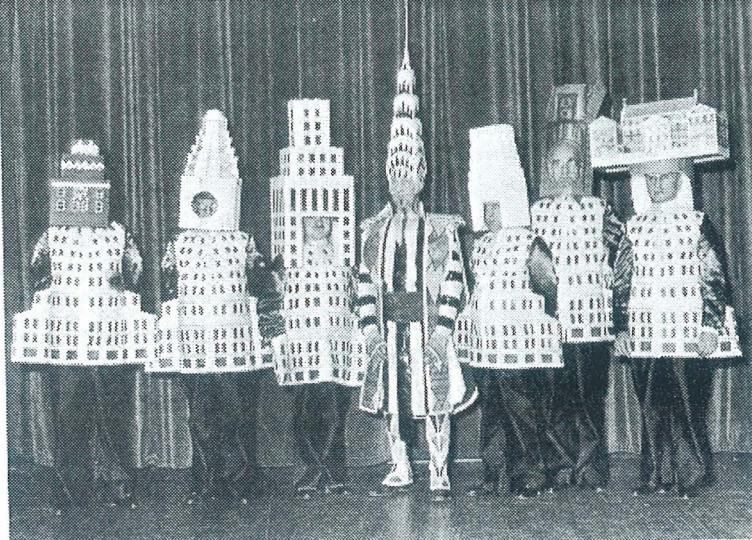
Se as fronteiras geográficas e culturais se esvanecem, face a desterritorializados meios de comunicação, urge combater a consequente desterritorialização dos conteúdos propagados; combater uma cultura que a globalização agrava como predominantemente visual e, paradoxalmente, subversiva à própria *ut pictura poesis* tão proclamada pela modernidade.

Este fenómeno, recente e sustentado sobretudo pelo nomadismo de fragmentos e imagens, veicula-se por arquitecturas cujo objectivo parece mais constituir-se na sua publicação que na finalidade última da sua realização.

A imagem substitui o lugar.

Entretanto a verdadeira arquitectura, vívida e vivida, continuará, por seu lado, comprometida até à raiz com os lugares que desenha e constrói; esses territórios incestuosos onde conteúdos e formas - conceitos/ figuras – se confrontam, nutrindo-se reciprocamente. A importância da sua comunicação, enquanto fenómeno particular e perpétuo, residirá mais em si, nos seus lugares e em nós, que nos suportes convencionais de divulgação e de publicação.

Nas palavras do escritor Norte-americano Henry Miller, "(...) A grande obra será sempre inevitavelmente obscura, excepto para um punhado de homens que, tal como o autor, estão iniciados no mistério. A sua comunicação resulta assim secundária. O importante é a perpetuação; para isso é só necessário um bom leitor."



O MUNDO GLOBAL MÁRIO CHAVES

‘A natureza para ser comandada, tem de ser obedecida’

FRANCIS BACON

A contemporânea Idade da Incerteza, que do ponto de vista da história, assiste à destruturação da antiga Idade da Certeza, na constatação de que a forma das instituições constituiu a mais elementar e segura afirmação ao motivo do reconhecimento material colectivo do conjunto de códigos, valores e normas, que sustentaram a civilização por 60 séculos. A questão da consciência colectiva e individual firmou milenares necessidades concretas de materialidade das formas, em contornos fortes e precisos, cuja pretensão assumia o reconhecimento do referente e do referenciável, na segurança do sagrado e do secular. Num legítimo direito à vivência numa idade de dogmas e tratados, signos e significantes, as formas correspondiam à ideia ideal – *eu-topos*. A História soube constituir Lugares de felicidade em representações construtivas de um Mundo desejado, adjectivadas à utopia, mas quase sempre ausentes da desordem casuística e infelicidade que paira continuamente e domina o nosso estranho Mundo velho.

Foi pelo princípio da Indeterminação Quântica e da ausência determinista de Deus, que os alicerces da maneira tratadística de dar a forma às exigências funcionais se tornaram menos retóricos e mais dialécticos. Mas, sustentaram um compasso de espera desastroso, em que a *forma seguiu a função*, como se o arbítrio da funcionalidade triunfasse sobre a utilidade dos edifícios.

O fim da idade da Certeza aconteceu, previsivelmente, com o fim da era Industrial, nessa actividade mecânica, sistemática e repetitiva de transformação maciça e sustentada do Mundo, sobretudo nos últimos dois séculos.

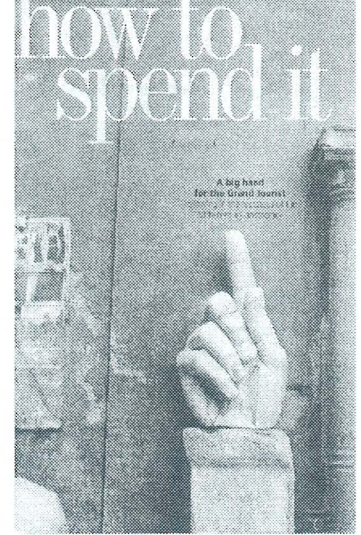
A seu modo, a forma seguiu o fiasco, numa tentativa desesperada de legitimar as funções fugazes de um tempo curto e sobre o qual residia já a renúncia ao vínculo da forma, como sustento da materialidade das instituições. As diversas linguagens de arte do século XX assumiram a imagem da forma como a sua verdadeira utilidade, isto é, u-topos; qualquer forma contém o valor da sua imagem em Lugar algum.

A Idade da Incerteza legitima o facto físico da Globalização – o Mundo Aristotélico é agora o globo - e a Arquitectura, como face visível do acto maior de habitar, corre o risco de ser assumida publicamente como fabricadora de imagens de expressividade e de gestualismos preponderantes, reduzindo-se à inocência do consumo da sociedade do Espectáculo.

O Mundo é de facto a casa global, onde a capacidade do omni é possível à escala da nossa juventude planetária. O cidadão do Mundo, inconsciente do poder de descoberta da comunicação e da informação, encara a Arquitectura como um processo capaz de realização instantânea, na sua Industrializada operatividade e rapidez de execução, em que o acto de projectar e construir se lhe tornou indiferente.

Razão pela qual se molda o Mundo cada vez mais à nossa pretensa vontade e se originam e reconhecem não Lugares, indiferentes e inconsequentes. Neste processo de subversão, as instituições são entidades ausentes de forma, mas assentes na imagem do símbolo e do referente, como sustentação da sua capacidade de materialidade e sobrevivência, no competitivo domínio da afirmação, reconhecimento e memória.

Os sistemas de informação e conhecimento virtual, dos quais a Internet é a face mais visível, vieram assumir que a experiência física não é mais a prioritária no domínio das matérias, das sensações e das revelações. A imagem e a sua codificação tornaram-se na expressão por excelência da Idade da Incerteza, e a forma arquitetónica esvai-se na bidimensionalidade da imagem ou na pretensa tridimensionalidade da simulação ou da representação – pode ter o tempo mas é ausente do espaço. Casos há em que a imagem suplantou a importância da materialidade e, no esplendor da topologia, a incompreensão da forma esvaiu-se para o reconhecimento



imediatO e automático da imagem.

Sem ideologias politicamente sustentáveis, o Mundo está desarmado perante o poder de 200 empresas de dimensão global, que parecem prescindir da forma da Arquitectura e do Lugar para a sua afirmação.

As ideologias políticas e os idealismos do século XX, foram substituídos pelo pensamento único que se impõe, banal, formatado e empobrecido.

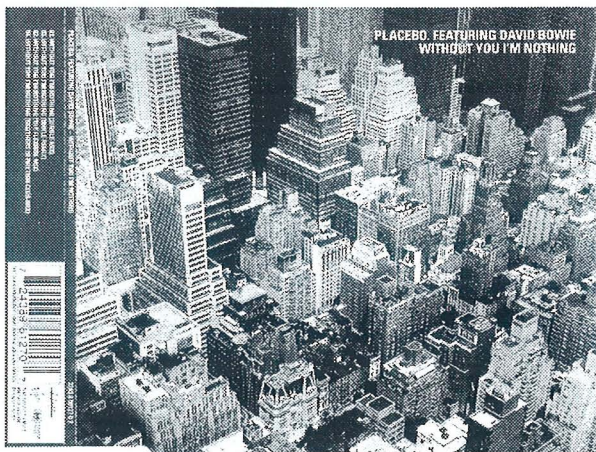
A Arquitectura, que também é globalizante, é-o numa comunicação mediática de imagem, de tempo real e proporcionada pela tecnologia. O Mundo fascina-se na tecnologia e pretere a ciência; o mistério da intangibilidade científica anula-se perante o fascínio da tecnologia imediata que roça o inimaginável de dependência, num sentimento quase eufórico de realização pessoal perante a materialidade electrónica. E a imagem da Arquitectura manifesta-se vorazmente consumida, a ponto de ser indiferente. O esplendor científico não durou mais que dois séculos.

A potencialidade de consciencialização de uma nova identidade, sobre a utilidade da forma de Arquitectura na sociedade de Informação, pressupõe o reconhecimento de todos os pressupostos que a contemporaneidade implica na concepção e utilização das formas. Estas, que estão dependentes da legitimação pelos meios de comunicação.

Assumir-se-á então que o pensamento globalizante pode ser capaz de sustentar de novo a utilidade da Arquitectura e das suas formas, perante as exigências da nova sociedade mundial de galopante homogeneização e uniformização.

A Arquitectura, na era da sua globalização, pode ainda ser a arte mais velha do Mundo e o passo mais imediato e importante ao culto da cultura, no testemunho da cristalização formal dos seus modos evidenciáveis de materialização, como o caso dos museus, que substituíram as catedrais, nas presenças emblemáticas das cidades e no repositório das peças de arte na inutilidade da Arte.

Quais são então os elementos descritivos e sintetizadores da situação de evidência da (in)utilidade da Arquitectura perante as Instituições e da capacidade de sobrevivência na sociedade de Informação. A seu modo, sustenta-se a validade desta pretensão, e



pretende-se uma capaz e cabal exposição do pretendido a partir na análise da contemporaneidade. Será uma construção necessariamente especulativa e inconclusiva, na corrente actual do tempo e dos acontecimentos, tal como a nossa vida indeterminista o é. A deslocação dos modelos que constituiram a referência da memória colectiva e a capacidade individual de reconhecer as nomeações e os signos, trazem grandes atribulações à sistematização de modos de construir arquitectura, uma vez que todas as linguagens podem ser possíveis desde que a tecnologia as legitime.

A análise contemporânea prende-se na importância que estes assumem na percepção e entendimento do nosso estranho Mundo da Sociedade da nossa certeza na Incerteza.